



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

Vianna, Marly de A. G.
Hierarchia e Estudos e Conferências – A direita em revistas
Estudos Ibero-Americanos, vol. 42, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 167-184
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134645334010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Hierarchia e Estudos e Conferências – A direita em revistas

Hierarchia and Estudos e Conferências – Right in magazines

Hierarchia y Estudos e Conferências – Derecho en revistas

Marly de A. G. Vianna*

Resumo: Este artigo procura analisar as revistas *Hierarchia e Estudos e Conferências* que representaram, no início da década de 1930 e durante o Estado Novo (1937-1945) respectivamente, as posições teóricas da direita brasileira e a propaganda do governo e da figura do chefe de governo, Getúlio Vargas.

Palavras-chave: Imprensa; propaganda política; Estado Novo; Getúlio Vargas; *Hierarchia e Estudos e Conferências*

Abstract: This article aims to analyze the journals *Hierarchia* and *Estudos e Conferências* which, in the early 1930s and during the Estado Novo (1937-1945), represented, respectively, the theoretical positions of the Brazilian right and the governmental propaganda supporting the head of the regime, Getúlio Vargas.

Keywords: Press; political propaganda; New State; Vargas; *Hierarchia* and *Estudos e Conferências*

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora aposentada da Universidade Federal de São Carlos e atualmente Professora Titular em História do Brasil no Mestrado em História da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO. Autora de *Revolucionários de 1935 – sonho e realidade* (Companhia das Letras, 1992; Expressão Popular, 2007, 2011); *Política e rebelião nos anos 30* (Moderna, 1995) e Organizadora de *Pão, Terra e Liberdade – Memória do Movimento Comunista de 1935* (Arquivo Nacional; UFSCar, 1995) e *Presos Políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas* (Mauad X, 2014). <magvianna@uol.com.br>.

PhD in Social History from the Universidade de São Paulo. Retired professor at the Universidade Federal de São Carlos and currently Professor in History of Brazil the Master program in History at the Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO. She is the author of *Revolucionários de 1935 – sonho e realidade* (Companhia das Letras, 1992; Expressão Popular, 2007, 2011); *Política e rebelião nos anos 30* (Moderna, 1995) and Organizer of *Pão, Terra e Liberdade – Memória do Movimento Comunista de 1935* (Arquivo Nacional; UFSCar, 1995) and *Presos Políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas* (Mauad X, 2014). <magvianna@uol.com.br>.

Resumen: Este artículo analiza las revistas *Hierarchia* y *Estudos e Conferências* que, al inicio de los años 30 y durante el período del “Estado Novo” (1937-1945) fueron, respectivamente, vehículos de expresión teórica de la derecha brasileña y de la propaganda oficial y de la figura de su jefe del gobierno, Getulio Vargas.

Palabras clave: Prensa; propaganda política; Estado Novo; Getulio Vargas; *Hierarchia* y *Estudos y Conferências*

Ao se criar um jornal ou revista há sempre o objetivo de dizer algo a determinado público, numa determinada conjuntura política. Disso decorre a forma que assumirá o periódico, não só seu formato material, que dependerá do orçamento de que dispõe, como também do estilo a ser adotado.

Se a história da imprensa for isolada, não apenas de outras formas cognatas de escrita, edição e leitura, mas como usualmente acontece, de outros tipos de formação e organização política e cultural – decorrentes de movimentos políticos, novas organizações industriais, desenvolvimentos educacionais, mudanças no teatro – ela poderá ser vista meramente como uma fase da história da imprensa (...) determinada retrospectivamente por si mesma, pelas definições daquilo que a imprensa se tornou (WILLIAMS, 2007, p. 15).

Como disse Nelson Werneck Sodré, “A história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista” (SODRÉ, 1966, p. 1) – e não só da sociedade capitalista. Os periódicos, como os jornais, sejam ou não diários, refletem a ideologia e as consequentes ideias políticas de seus diretores/grupos dirigentes, mesmo que os de maior circulação pretendam que seus noticiários sejam “neutros”, quer dizer, puramente noticiosos, e nesses casos é em seus editoriais e artigos de fundo que se pode perceber com maior clareza suas posições político-ideológicas.

Os que representam grupos políticos ideológicos, como os anarquistas, os comunistas, os integralistas e aqueles ligados à Igreja, ao contrário, indicam claramente seus objetivos de difundir uma determinada ideologia entre o público que pretende alcançar. As revistas, nesses casos, são mais marcadamente ideológicas, uma vez que nelas é muito maior o número de artigos opinativos.

As revistas de que vou tratar, *Hierarchia*, e *Estudos e Conferências*, têm posições político-ideológicas bem definidas: autoritárias e conservadoras. *Hierarchia* surgiu em 1931 e publicou cinco números,

até 1932, sendo precursora das edições do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)¹ do Estado Novo. *Estudos e Conferências* foi já oficialmente uma revista do DIP – surgida em maio de 1940 e que durou até 1944.

Antes de tratar especificamente dessas revistas, é preciso entender o ambiente político em que surgiram, nos anos de 1930 e 1940. A década de 1930 foi palco de intensas lutas políticas. A classe operária e os novos grupos burgueses, assim como os setores médios urbanos, queriam participar das mudanças no poder que ocorriam no período pós-revolução de 1930. Apresentavam suas plataformas, políticas e/ou reivindicativas, propunham diferentes caminhos para alcançar seus objetivos, organizavam-se e iam às ruas por eles. Foram numerosas as publicações na época e não cabe aqui enumerar todas elas, mas destaco a polarização entre uma esquerda democrática, representada pela Aliança Nacional Libertadora – ANL – (que incluía, entre vários setores progressistas da sociedade, sindicatos, parte dos tenentes que participara da revolução de 1930 e o partido comunista) e a Ação Integralista Brasileira, que agrupou dispersos pequenos grupos de direita e de extrema direita já existentes no país². Embasando o pensamento conservador, muito mais influente do que a doutrina integralista (embora muitos fossem dela simpatizantes) e teorizando o que viria a ser prática do Estado Novo³, estavam pensadores como, e principalmente, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Farias Brito, Jackson de Figueiredo e Otávio de Farias que foram colaboradores das revistas *Hierarchia e Estudos e Conferências*.

Se não se pode afirmar que o golpe de novembro de 1937, que instaurou o Estado Novo, foi consequência inexorável do movimento de 1930, penso que um projeto autoritário de governo era previsível (não inevitável) desde o início do movimento. Tal projeto tinha raízes

¹ O DIP, criado pelo Decreto Lei 1915, de 27 de dezembro de 1939, regulamentado pelo de nº 5077 de 27 de dezembro de 1939 e foi extinto pelo Decreto Lei 7582, de 25 de maio de 1945, tendo, além de seu diretor Lourival Fontes, a participação de Cândido Mota Filho e Cassino Ricardo, este em São Paulo.

² Ao falar de direita e esquerda esclareço o sentido em que uso os conceitos: considero esquerda aqueles que buscam transformações - políticas, sociais e econômicas – que contemplem as reivindicações e os direitos, políticos e econômicos, da maioria da população, ampliando radicalmente seu espaço de participação política na sociedade. À direita, estão os grupos que, ao contrário, se organizam e lutam para manter o *status quo*, sempre no sentido de beneficiar as classes no poder. Ver BOBBIO, Norberto *Direita e esquerda. Razões e significados de uma distinção política*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira, São Paulo, Editora das UNESP, 1995.

³ O Estado Novo – ditadura repressora e anticomunista – foi proclamado a 10 de novembro de 1937 e durou até o final da Segunda Guerra Mundial, terminando oficialmente com a derrubada de Getúlio Vargas a 29 de outubro de 1945.

na formação ideológica positivista e na prática política de Getúlio Vargas e dos políticos rio-grandenses que o apoiaram, todos seguidores da Constituição castilhistas do Rio Grande do Sul, um primor de autoritarismo – além da vontade de Getúlio Vargas de manter-se no poder.

As lutas democráticas que ocuparam o espaço político nos primeiros cinco anos da década de 1930 foram paralisadas pela repressão do governo sobre elas, com o fechamento da aliança em julho e, mais tarde, depois da tentativa insurrecional de novembro de 1935. A derrota do movimento da ANL fortaleceu a visão conservadora, que vinha ganhando força desde a revolução de 1930. Foi nesse contexto que surgiram os primeiros órgãos que visavam o controle da imprensa para a difusão das ideias conservadoras. A revista *Hierarchia*, que antecedeu o Estado Novo, é um exemplo disso.

O pensamento conservador, autoritário e antiliberal criticava a realidade política e social do país não a partir de uma análise minimamente científica, mas por medo à democracia: medo às discussões, às diferenças, às lutas populares, posicionando-se firmemente contra mudanças. Daí as propostas de obediência cega e absoluta hierarquização da sociedade.

O autoritarismo embrionário no movimento de outubro de 1930 começava a estabelecer o controle da vida política e administrativa do país, ao mesmo tempo em que enfrentava as manifestações pela democratização da vida política. Menos de um ano depois de instalado o Governo Provisório foi criado, a 2 de julho de 1931, o Departamento Oficial de Publicidade, vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, sob a direção de Salles Filho – um mês depois foi lançada a revista *Hierarchia*. Em março de 1932, pelo decreto 21.111 e a seguir, em abril, pelo decreto 21240, ficou estabelecido o controle sobre os meios de comunicação: imprensa, cinema e rádio, permitindo inclusive a censura. Mais tarde, a 10 de julho de 1934 foi criado o Departamento de Publicidade e Difusão Cultural, também vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. No ano seguinte, 1935, Vargas encomendou a Lourival Fontes, que fora diretor de *Hierarchia*, um projeto que se transformaria no Departamento Nacional de Propaganda, precursor do DIP de 1939⁴.

Os traços principais desse pensamento autoritário eram a preocupação com uma organização nacional que mantivesse o país rico,

⁴ Sobre o assunto ver ESPÓSITO, Kátia Falcão, *Censura institucional: o DIP*, Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGHB da UNIVERO, Niterói, 2015.

independente e organizado segundo as classes sociais, que deveriam viver em harmonia para a indispensável unidade do país. A fundamental unidade da nação deveria acabar com o federalismo e realizar uma perfeita união nacional, que dispensasse partidos políticos, que a dividiam tanto quanto a luta de classes. O Estado forte preconizado deveria estabelecer a hierarquia na sociedade, entre aqueles que mandavam e os que, para seu próprio bem, deviam obedecer. A insistência na importância da hierarquização da sociedade deu nome à revista – *Hierarchia*.

Tais ideias não são novidade no pensamento da direita. Escrevendo sobre uma doutrina contrarrevolucionária, Thomas Molnar, criticando a democracia, disse: “O principal objetivo do contra revolucionário é, portanto, a eliminação da democracia, ou, por outras palavras, do sistema de partidos políticos (ideológicos)” (MOLNAR, 1980, p. 113). São ideias presentes na revista *Hierarchia*.

Hierarchia

Da revista *Hierarchia* foram publicados cinco números, de agosto de 1931 a abril de 1932, menos de um ano, portanto. Era impressa no Rio de Janeiro, com temas de política, economia, educação, cultura e questões internacionais, contendo charges e crítica de livros. Seu diretor era Lourival Fontes⁵. A revista tinha várias seções, com destaque para “Artigos Especiais”. Temos poucos dados sobre a circulação da revista, a não ser uma nota no número quatro, que fala não só de sua aceitação como de suas publicações e seus colaboradores. O comentário não era modesto:

ÊXITO EXTRAORDINÁRIO E INVULGAR OBTIDO NOS
SEUS PRIMEIROS NÚMEROS PELO NOSSO MENSÁRIO

HIERARCHIA

Demonstra a necessidade da existência de uma revista de atualidade e de informação, que resuma e condense, todos os 30 dias, o inventário da atividade nacional e mundial em todos os domínios da vida social, política e econômica

⁵ Lourival Fontes, sergipano (1899-1967), foi jornalista e político de extrema direita. Tinha Rodolfo Carvalho como diretor-comercial e diretor-secretário da revista. A redação era na rua Teophilo Ottoni, passando depois para o nº 110 da Avenida Rio Branco (uma sala no prédio do Jornal do Brasil), e, já em 1932 mudou-se para o nº 23 da praça Marechal Floriano, onde então funcionava a Casa Allemã. Dados em ESPÓSITO, Katia Falcão, op. cit., p. 36

Opiniões inéditas, reflexões políticas, estudos econômicos, teses jurídicas, comentários sociais, sínteses técnicas e científicas, observação dos fenômenos mundiais, crônicas de arte e de livros são recolhidos todos os meses em **HIERARCHIA**

Insera estudos especiais sobre política, educação, economia, direito, medicina, sociologia geral, de Pandiá Calógeras, Gilberto Amado, Pontes de Miranda, Tristão de Athaayde, Oliveira Vianna, p. Leonel Franca, Francisco Campos, Plínio Salgado, Belisário Penna, A. Cardoso Fontes, Vital Brasil, Arlindo de Assis, José Vieira, Sylvio Júlio, José Maria Bello, Octávio de Faria, José Augusto, Baptista Pereira, Azevedo Amaral, San Tiago Dantas, José Tolentino, Levi Carneiro, João Neves da Fontoura, Dioclécio Duarte, Sérgio Buarque de Holanda, Fábio Sodré, Bezerra de Freitas, Costa Rego, Ildefonso Albano Ribas Carneiro, H. Sobral Pinto, Frederico Castelo Branco Clark, Perilo Gomes, Saboia Medeiros, Samuel de Oliveira, Everardo Backeuser, Fernando Magalhães, A. Carneiro Leão, Anísio Teixeira, Azevedo Lima. Almachio Diniz, Gustavo Lessa, Belmiro Valverde, Clementino Fraga, Oscar da Silva Araújo, Basílio Magalhães, Rego Lins, Geraldo Vieira, Ronald de Carvalho, Maurício Medeiros, Daniel de Carvalho, Graccho Cardoso, Lacerda de Almeida, João Prestes, Pantoja Leite, Dulcídio A. Pereira, Lino Piazza, Jean Gerard Fleury, Querido Moheno, Nunzio Greco, Georges Raeders, etc. etc.etc. (HIERARCHIA, 1932, p. 8)⁶.

Verifica-se a apologia da revista justamente em seu penúltimo número.

Por seus artigos, extremamente teóricos e com pretensões à erudição, *Hierarchia* visava um público especializado, uma “elite” intelectual e política que queriam ganhar para suas posições. Era um espaço para apresentação de ideias e propostas conservadoras para a organização da nação, sendo uma antecessora das publicações do DIP, como vimos, e não por acaso Lourival Fontes, diretor da revista, foi escolhido por Vargas para dirigi-lo.

A revista pretendia abarcar vários temas considerados de interesse nacional: organização política (unitarismo versus federalismo) e

⁶ Além desses, escreveram na revista: Cel. Alberto Gonçalves, Alberto Rego Lins, Américo Silvado, Antônio Mello, Artur Guimarães, Artur Torres Filho, Barbosa Lima Sobrinho, Bernardo Lichtenfels, Cândido Portinari, Cel. César Xavier, Claudio Gomes, Cristóvão Camargo, Rev. Galdino Moreira, Genaro Vidal, comandante. H. da Cunha Machado, Hélio Vianna, Hermínio Conde, Janine Boissounouse, J. Ferreira de Souza, João Pinto da Silva, Lourival Fontes, Luiz Schnoor, Madeira de Freitas, Mattos Pimenta, Mesquita Pimentel, Moacyr Pompéia, comandante N. Guillobel, Osório Lopes, Paulo da Silveira, Cel. Paes de Andrade, Povoas de Siqueira, R.P. Motta Lima, Reis Carvalho, Vicente Rao, Claudio Ganns e Waldio Niemeyer.

o papel do Estado; corporativismo; religião, família e educação; questões internacionais. Quanto à ideologia, além da visão autoritária e conservadora sobre a organização da vida nacional e a organização da sociedade, foi a do anticomunismo e de louvores ao fascismo.

No primeiro número de *Hierarchia*, na seção “Revista dos Livros”, Claudio Ganns resenhou o livro de Otávio de Farias, *Machiavel e o Brasil*. Depois de considerar o autor como “um furacão enraivecido que se agitasse à superfície sonolenta de um lago” ou como “um vulcão que se consome interiormente em lavas incandescentes”, escreveu:

Entre esses dois extremos – Itália do Quatrocento e o Brasil do Novecentos e trinta – oscilam, como dois símbolos humanos, as personalidades afins de Maquiavel e Mussolini. O primeiro é o teórico da intuição política, o segundo o “realizador” daquela genial experiência. (...) Maquiavel foi apenas o prefácio do Fascismo renovador (GANNS, 1931, p. 6).

Contra o comunismo, Faria vê no fascismo seu antídoto, “que pode converter-se em lança ou espada... O Machiavel brasileiro, diante dessa Itália antiga, ressurgida na América do Sul contemporânea, anda a buscar, nesse livro, para ela, um outro condutor nitzscheano, um chefe autêntico, ‘duce’ fascista ou não” (GANNS, 1931, p. 6).

E o anticomunismo vulgar continua na resenha que fez J. Ferreira de Souza do livro de Vicente Rao sobre a família na União Soviética. O número cinco da revista abriu uma seção: “O fascismo, ação e doutrina”, e nela Plínio Salgado escreveu enaltecendo o fascismo e Mussolini.

O Estado Fascista, considerado no seu conteúdo doutrinário, vai buscar nas próprias funções biológica, ética e mental do Indivíduo o sistema de seu desenvolvimento, assim como deduz da aspiração integral do Homem os rumos de sua finalidade. (...) A Itália é hoje, mais do que nunca, uma Pátria viva e forte, porque dentro dela o indivíduo é livre e feliz, nos limites possíveis à contingência da liberdade e da felicidade na terra. ‘O Fascismo é uma grande mobilização de forças materiais e morais’, escrevia Benito Mussolini em 1921. E acrescentava: ‘Nós cogitamos dos valores morais e tradicionais que o socialismo descarta ou despreza’. Dez anos são passados sobre essas palavras e o mundo viu a grande realização dessa proposta, num conjunto de leis admiráveis, que consagra senso jurídico do Homem Novo (SALGADO, 1931, p. 202-205).

Interessante a resenha de Póvoas de Siqueira do livro *Gororoba* de Lauro Palhano. O livro trata da vida dos operários, e alerta que é preciso

tratá-los com humanidade: dar a eles o pouco que reivindicam: trabalho, pão e escola – “por mais conservadores que sejamos” (SIQUEIRA, 1931, p. 7-8).

Logo no primeiro número da revista, comentando o livro de Gilberto Amado *Eleição e Representação*, que em estilo vago e prolixo propõe o voto proporcional, Lourival Fontes escreveu:

Só os povos suicidas, que perderam a capacidade de resistência ou se desmoralizaram na inação e na renúncia não chegam à compreensão de que somente na potência do Estado, na sua supremacia e superioridade de fins, na sua força disciplinadora e coordenadora, na sua soberania sem contrastes, residem a tutela e a proteção dos direitos, a paz social, a justiça entre as classes e a felicidade e o bem-estar dos cidadãos (FONTES, 1931, p. 2).

Aqui estão resumidas as principais posições da direita conservadora: a necessidade de um Estado forte que tutele e discipline a sociedade, promovendo a harmonia entre as classes e a felicidade geral da nação.

Otávio Faria, fez uma esdrúxula comparação entre a Rússia e o Brasil. Alertou para a “espantosa semelhança” (sic) entre o desenvolvimento dos dois países, que teriam as mesmas linhas mestras de organização: grande extensão territorial, fatalismo, cachaça aqui e vodka por lá; países onde a civilização não penetrara profundamente e resistência à ela; mentalidade primitiva, com um Deus cósmico, colocado acima de tudo; lá Pedro o Grande e aqui Pedro II, lá Dostoiévsk e aqui Machado de Assis, Gogol e Castro Alves; lá, o czar Alexandre II que libertou os servos e aqui Pedro II que libertou os escravos. Continua: “Em Pedro II, enquanto síntese da obra de seu reinado, há muito de Pedro o Grande, de Catarina II e de Alexandre II” (FARIA, 1931, p. 16-20.) Mas não ficou por aí. Dizia que estávamos passando (em 1931) pela mesma situação revolucionária da Rússia em fevereiro de 1917. Situação revolucionária como consequência da libertação dos servos lá e dos escravos aqui. Onde a situação nos levaria?, ele perguntou e respondeu:

Estaremos em setembro de 1917? O trem que partiu da Suíça via Alemanha, ao que se afirma, fez desembarcar há tempos, em São Paulo, Luiz Carlos Prestes, esse Lenine oficial dos ideais comunistas no Brasil, com o mesmo intuito de Lenine em 1917? (FARIA, 1931, p. 18).

As simpatias pelo fascismo eram manifestas. Azevedo Amaral dizia que o fascismo era “uma corrente reconstrutora, coordenada pelo

gênio de Benito Mussolini. ... O fim do grande conflito internacional marca o fecho do ciclo das ideologias democráticas, originadas no sociologismo equalitário de Rousseau” (FARIA, 1931, p. 18). As nações mais adiantadas se livraram “da fé supersticiosa nos valores liberais” E continuou: “A guerra não fez mais do que provar, com impressionantes lições de causas, a ineficiência essencial dos regimes democráticos para enfrentar as realidades de uma crise verdadeiramente grave” (AMARAL, 1931, p. 39-40). Também Lourival Fontes escreveu sobre o fascismo e sua relação com o sindicato. Disse ele, citando Mussolini:

Suprimir o capital é praticamente e historicamente absurdo. (...) As relações e os conflitos de trabalho e o problema da pacífica convivência entre as classes estão compreendidas e ilustradas na legislação fascista, que institui o reconhecimento jurídico do sindicato sob o controle do Estado e dá eficiência aos contratos de trabalho, proíbe a greve, a paralisação e todas as formas de autodefesa – *et voila!* (...) os sindicatos patronais e operários subordinam os seus interesses particularistas de grupos ou de classe, aos interesses superiores da produção, aos fins nacionais. (...). No estado fascista a terminologia de patrões e operários é coisa desusada e anacrônica. Capital e trabalho não são formas que se repelem, mas antes se completam (AMARAL, 1931, p. 39-40).

Helio Vianna, com posições muito semelhantes às de Oliveira Vianna, sobre a organização nacional, escreveu sobre a Constituição Republicana que nela não se reconheceu

... que no Brasil, toda organização nacional, depois da Independência, tinha que ser presidida pelo Estado, agente necessário da regularização de tais medidas, na falta da educação política das massas. ... (É preciso) uma coesão nacional que se complete naturalmente com a entrega ao Estado de um conjunto unificado, forte bastante para homogeneamente saber resistir ao desvirilizante internacionalismo comunista (VIANNA, 1931, p. 58).

O anticomunismo, o fio condutor que liga todo o pensamento do conservadorismo, perpassava praticamente todos os artigos. Moacyr Pompéia, falando sobre o sindicalismo, afirmou que sua finalidade era “assegurar, por uma prodigiosa inversão prática da doutrina socialista, a defesa da nação, sobreposta ao lirismo da solidariedade internacional em todos os seus aspectos” (POMPEIA, 1931, p. 56).

Outro tema caro à revista, dentro da perspectiva antiliberal e autoritária, foi o do unitarismo contra o federalismo, da importância

da centralização do poder, embora pudesse haver uma descentralização administrativa⁷.

Na seção da revista “Artigos Especiais” tratava-se de educação, questões econômicas e sobre o estudo religioso obrigatório. Neste item, o padre Leonel Franca foi ardoroso defensor do ensino religioso obrigatório nas escolas públicas, enquanto que outros defendiam o ensino laico. Mas foi raro aparecerem na revista posições discordantes.

A seção sobre assuntos internacionais era bastante noticiosa, mas sempre com o conteúdo ideológico da revista. Sobre a Itália, por exemplo, escreveu um articulista:

A Itália deseja organizar um império colonial? É evidente! (...) mas quais preocupações, quais prejuízos tem sofrido o mundo por essa política febril que procura garantir às excedências demográficas da nação, terras fecundas e virgens onde, sob as leis da própria pátria encontram possibilidades largas e fáceis de trabalho remunerado? (GRECO, 1931, p. 230).

Hierarchia publicava anúncios e tinha ainda uma seção, “ZIG-ZAG”, com muitas charges.

A revista, como vimos, foi organizada como expressão do pensamento autoritário que se vinha articulando no início dos anos de 1930, organizada com apoio e beneplácito do governo Vargas. Os que colaboraram com a revista, com poucas exceções, eram todos partidários dessa mesma ideologia conservadora, autoritária e, principalmente, anticomunista.

Não temos indicação sobre as condições financeiras da revista, mas não parece que houvesse dificuldades para publicá-la. Também não há dados para dizer do lugar que ocupou na imprensa e que público alcançou. Mas, como disse De Luca,

... não é a presença ou a ausência de certos elementos invariáveis que define a natureza da publicação, mas a análise articulada dos objetivos, conteúdo, estruturação interna, relação entre o textual e o icônico... Tais características, associadas ao perfil dos responsáveis diretos e dos colaboradores, é que permitem discernir o lugar ocupado pela publicação, seja na história da imprensa seja em relação aos demais veículos contemporâneos (LUCA, 2011, p. 3).

⁷ LINS, Alberto Rego, “O federalismo no Brasil”; AUGUSTO, José, “Federalismo unitário”; DINIZ, Almachio, “A ruína da organização federativa”; BELLO, José Maria, “Federação e centralização”; FREITAS, Bezerra de “O quadro da unidade brasileira”; MEDEIROS, Mauricio de, “O presidencialismo e a autonomia do Estado”. In: *Hierarchia*, n. 3. CARNEIRO, Levi, “Aspecto atual do problema federalista no Brasil”; DANTAS, San Tiago, A divisão política e o problema da unidade, In: idem, n. 4.

O público visado por *Hierarchia* foram os intelectuais e profissionais liberais intelectualizados, dos quais buscava apoio. Eram eles, segundo o pensamento da direção da revista, que podiam – e deviam – formar a opinião de uma elite capaz de governar, de colaborar com o governo e de, principalmente, formar opinião entre seus pares. *Hierarchia* aderiu à Ação Integralista Brasileira logo que esta foi fundada, em 1932, e embora anterior ao DIP, foi o periódico que melhor expressou e teorizou o conservadorismo e as posições de direita que irão ser oficializadas em novembro de 1937.

Estudos e Conferências

Em 1931, o mesmo ano do surgimento de *Hierarchia*, foi criado o Departamento Oficial de Propaganda e em 1934, como vimos, o Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) é do final de 1939. A história do DIP, seu

... espaço de ação para grande parte da intelectualidade brasileira atuante nos anos posteriores ao Estado Novo tendeu a ser apagada como trauma ou equívoco de nossa vida intelectual. (...) O que ocorreu foi simplesmente o esquecimento. Extraviaram-se os arquivos do órgão, desapareceram 10.000 volumes de sua biblioteca e seus funcionários e colaboradores foram recolocados. O DIP se configura, virtualmente, como um monstro alienígena, que desceu no país, escravizou sua voz, gestos e imagens e partiu um dia, levando tudo que utilizou (PAULO, 1987. p. 100).

Estudos e Conferências tinha por objetivo e função publicar as conferências cívicas e “culturais” realizadas por ocasião de datas cívicas, datas comemorativas do Estado Novo ou pessoais de Getúlio Vargas e de eventos que propagassem o Estado Novo, a maioria deles promovidos pelo próprio DIP.

A época áurea do DIP foram os anos de 1940 e 1941. Depois da declaração de guerra do Brasil ao Eixo (31 de agosto de 1942) a situação foi mudando. Nesse ano Lourival Fontes deixou a direção do departamento e assumiu o major Antônio José Coelho dos Reis, substituído em 1943 pelo major Amílcar Dutra Menezes, que chefiava a Divisão de Radiodifusão. O DIP tendeu então a se transformar em agência de propaganda de guerra (PAULO, 1987. p. 100).

De *Estudos e Conferências*, que começou a ser publicada em 1940, analisei os números 09 (julho de 1941), 12, (08/1941) 13 (09/1941), 14 (11/1941), 15 (12/1941), 16 (02/1942), 17 (05/1942) e 18 (10/1942). Acompanhando as mudanças na situação política do país e com a entrada do Brasil na guerra, em abril de 1943 sai apenas um número da revista, o 19, e quase um ano depois, em fevereiro de 1944, seu último número, o 20.

O conteúdo da revista, embora com os mesmos propósitos doutrinários de *Hierarchia*, diferiu bastante dela. Enquanto *Hierarchia* era uma revista de doutrinação teórica, político-ideológica, *Estudos e Conferências* foi uma revista de propaganda louvatória de Getúlio Vargas e seu governo estadonovista, editada em seu apogeu. De estudos mesmo, nada.

As louvações a Vargas e a seu governo ditatorial era a tônica da revista – o que não é de se estranhar, uma vez que as conferências eram promovidas com esta finalidade. O que chama a atenção é o incrível despudor das bajulações. Muitos artigos seguem a essa direção, em todos os números, e seria exaustivo repeti-los todos. Destaco apenas os mais louvatórios, para que se tenha melhor ideia deles, como o de uma comemoração no Amazonas:

Oh! Vargas! Operaste o milagre de fazer subir da vasa para os cimo o lírio que florescia no Paul, e fizeste baixar, do altiplano para o abismo, a imagem pura das nevadas, igualando no mesmo timbre os apelos da Pátria! Já não se turgem de orgulho desmedido os brâmanes, e nos olhos dos poleás as lágrimas secaram, sob o pálido de uma só bandeira, amada e inconspicável. Por essa obra, oh! Vargas! A Amazônia, contrita, te bendiz! (CHEVALIER, 1941, p. 23).

Do mesmo teor foi o discurso de Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque no Teatro Santa Isabel, no Recife, que disse

(...) Pernambuco lutará, se for preciso, e lutará com denodo, guiado pela têmpera romana de Agamenon Magalhães, em prol da consolidação do novo regime encarnado na figura impressionante desse extraordinário condutor de homens, o maior e o melhor de todos os brasileiros. O presidente Getúlio Vargas! (ALBUQUERQUE, 1942, p. 23 e 46).

Ou, sobre a inauguração de um monumento a Vargas: “São monumentos que apoiam seus pedestais no coração dos povos e erguem até os céus azuis as suas cabeças sonhadoras, aureoladas, sempre, pelo esplendor das estrelas do Infinito!” (AZEVEDO, 1942, p. 74) .

Nas comemorações do aniversário de Vargas (19 de abril) os louvores se intensificaram. Nessas comemorações fiaram evidentes as preocupações do Estado Novo em ganhar o apoio da juventude para suas ideias, pois estabeleceu o dia do aniversário de Vargas como também Dia da Juventude Brasileira. Os estudantes que falaram foram pródigos em seus elogios ao governo e seu presidente, que se confundia com ele: “Mas, afinal, para onde vai o Brasil? O Brasil vai para a glória, debaixo do comando do Chefe nacional” (MATOS, 1942,82). Ou ainda: “Juventude! Pelo Brasil e pelo nosso Chefe, o presidente Getúlio Vargas!” (NASCIMENTO, 1942, p. 84). Outro estudante, agradeceu a Vargas, em nome da juventude brasileira:

Calem as vozes das cassandras impenitentes! Cessem os rumores dos despeitados; curve-se o egoísmo impertinente dos maus, que o ‘Homem-Símbolo’, realizador da unidade nacional, despertou o Brasil – e vai conduzi-lo, em marcha forçada, às glórias sobranceiras do futuro. (...) ‘Homem-Símbolo’, dessa história, dessa raça, desse heroísmo é o presidente Getúlio Vargas, que estendeu a mão para a Juventude Brasileira e com ela assegurou os imensos destinos nacionais (MELO, 1942, p. 85).

O nº 13, de setembro de 1941, foi todo dedicado à juventude e quase todos os que discursam, depois da apresentação do ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema⁸, eram alunos do curso secundário do Instituto La-Fayette. Seus discursos, continuando louvatórios a Vargas e ao Estado Novo, seguem um tom moralista em relação à família e ao papel da mulher na sociedade, criticando o fato dela trabalhar fora de casa:

O lar torna-se um deserto! O chefe da família, a esposa e filhos, todos saem, impelidos pela avidez do ganho para conforto e luxo, sufocando assim a vida da família. Evita-se prole numerosa. As mulheres que lutam por sua suposta liberdade não mais querem filhos! (...) São lares vazios, tristes, lares sem alma porque são lares sem berços (MENEZES, 1941, p. 9).

Além dos representantes da juventude estadonovista, a revista apresenta outros artigos, como o de San Tiago Dantas, da Faculdade

⁸ CAPANEMA, Gustavo. “Juventude brasileira”, In: *Estudos e Conferências*, n. 13, 09/1942, p. 5-8.

Nacional de Direito e à época integralista, enaltecendo a encíclica *Rerum Novarum*⁹.

Houve também discursos racistas, como o de João Lyra, diretor da Caixa Econômica do Distrito Federal: “Uma população de misturas não perturba a união nacional apenas; conduz o movimento da nossa civilização a lutas contraditórias, perdidas no meio de diretrizes e finalidades heterogêneas” (LYRA, 1941, p. 43). E continuou:

Estimular-se a procriação sem preservá-la, desde o nascedouro, não significa multiplicar o povo, mas colaborar na extinção ou no definhamento da raça pela participação, no seu caldeamento, de tipos condenados a comporem uma massa de elementos negativos. O interesse racial repousa no aumento das populações desejáveis, de tipo física, moral e intelectualmente superior e não apenas no aumento da cifra das populações (LYRA, 1941, p. 46).

Mais adiante Lyra afirmou que foram as mucamas (negras) que tornaram as crianças “molengas e sentimentaloides” e clamou por uma “educação militarista” (LYRA, 1941, p. 50).

Mesmo em número dedicado à Educação Física houve artigos que não esconderam suas simpatias pelo fascismo:

Aqui cabem mais do que em qualquer outra ocasião, as palavras criteriosas de Mussolini: ‘O vigor mental e físico não se adquire senão mediante firmes esforços, duras provas e constante luta. É uma lei natural que, quando qualquer órgão não age, se atrofia. A natureza exige movimento, atividade, combatividade (FIGUEIREDO, 1942, p. 22).

O último número de *Estudos e Conferências* que examinei foi o 18, antepenúltimo a sair, em outubro de 1942. Apesar de ainda conter algumas louvações a Vargas, foi todo dedicado ao funcionalismo público e a assuntos como a amizade entre Caxias e Porto Alegre, ou o centenário do conde D’Éu. Já se nota uma diminuição das louvações a Vargas e ao Estado Novo.

⁹ DANTAS, San Tiago, “A encíclica *Rerum Novarum*”. In: idem, p. 23 a 32. A encíclica, do papa Leão XIII, de 15 de maio de 1891, critica a avidez pelo dinheiro, fala a favor da melhoria das condições de vida dos operários e critica acerbamente o socialismo.

Concluindo

Voltando ao ambiente da época, Tania de Luca chama a atenção para o crescimento do mercado editorial na década de 1930, citando várias revistas que às vezes tinham conexões com o DIP e que também muitas vezes contavam com os mesmos colaboradores, como foi o caso do Boletim Ariel. Entretanto, não cabe aqui fazer uma comparação entre os periódicos estudados e outras revistas da época.

Os anos 30 e 40 do século passado foram também um momento de modernização da imprensa. Mas, tanto em *Hierarchia* quanto em *Estudos e Conferências* – talvez por serem publicações especificamente ideológicas –, não encontramos preocupação com modernidades. As revistas tinham formato semelhante e o mesmo tipo de papel. *Estudos e conferências* não publicou nem ilustrações e nem anúncios, que aparecem em *Hierarchia*. Não sabemos se *Hierarchia* contava com algum financiamento oficial, apesar de contar com a simpatia do governo. Já *Estudos e Conferências* era uma revista oficial.

Os temas das duas revistas foram, de certa forma, complementares: enquanto *Hierarchia* tentou teorizar sobre os temas caros ao conservadorismo autoritário e simpático ao fascismo –, preconizando, como vimos, um Estado fortemente centralizado, sem regionalismos e sem partidos políticos, uma “democracia tutelada” ou “democracia autoritária”, como diziam, e pelo corporativismo –, *Estudos e conferências* atribuía ao Estado Novo e a Vargas a realização de tais ideais, enaltecendo a figura do “grande chefe”.

Hierarchia não ultrapassou os cinco números e não fica claro porque deixou de ser publicada – as funções no governo assumidas por Lourival Fontes não se contrapunham ao pensamento da revista. Já *Estudos e Conferências*, organicamente vinculada ao Estado Novo, acabou-se com ele.

Outra questão a assinalar é que da lista de colaboradores com os periódicos aqui tratados (de *Estudos e Conferências* foram apenas oito números consultados) apenas Lourival Fontes, José Maria Bello e San Tiago Dantas colaboraram nas duas revistas.

Uma última questão, que quase sempre é discutida e de difícil conclusão, é a participação de algumas pessoas sem qualquer vinculação com o pensamento de direita e que colaboraram com a imprensa do Estado Novo. Em *Hierarchia* vemos nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Anísio Teixeira e Cândido Portinari, por exemplo, sem contar com atribuições no DIP que tiveram Carlos Drummond de Andrade e

Graciliano Ramos, só para citar os mais conhecidos. A melhor observação sobre o assunto que encontrei foi a de Tania de Luca:

A participação ativa de Graciliano na iniciativa concebida e patrocinada pelo DIP, cujo crivo e revisão certamente colaboraram para melhorar a revista (trata-se da revista *Cultura Política* – MV), porta-voz oficial dos valores do regime, se nem de longe autoriza identificá-lo como simpatizante da ditadura ou do ditador, deixa em aberto os motivos que o levaram a aceitar a incumbência e que, muito provavelmente, não se esgotaram em razões de ordem pessoal, mas também diziam respeito às próprias condições do exercício da atividade intelectual naquele momento (DE LUCA, 2011, p. 344).

Graciliano Ramos era membro do Partido Comunista do Brasil e tinha sido preso depois dos levantes de novembro de 1935 – cujas lembranças estão em suas *Memórias do Cárcere*.

Em maio de 1942, quando começou o declínio de *Estudos e Conferências* e Lourival Fontes deixou a direção do DIP, este mesmo órgão, juntamente com o Secretariado de Propaganda Nacional de Lisboa, lançou a revista luso-brasileira *Atlântico*, dirigida por Lourival Fontes e Antônio Ferro. Colaboravam com a revista – que unia agora as simpatias fascistas do Brasil com o fascismo em Portugal – Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Cândido Portinari, Otto Maria Carpeaux, Manoel Bandeira, Ribeiro Couto, Luiz Jardim, Santa Rosa, Raquel de Queiroz e Otávio Tarquínio de Souza. Talvez nem mesmo os próprios citados pudessem explicar tal colaboração.

Referências

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda* – Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

CRUZ COSTA, João. *Contribuição à História das Ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

DE LUCA, Tania Regina. *Leituras, projetos e (Re)Vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: UNESP/FAPESP, 2011.

DIAS, Romualdo. *Imagens da Ordem* - A doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933). São Paulo: UNESP, 1996.

ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flávia Fernandes; GUERELLUS, Natália de Santana (Org.). *Os intelectuais e a imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2015.

- ESPÓSITO, Kátia Falcão. *Censura institucional: o DIP*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHB da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Niterói, 2015.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus/UNICAMP, 1986.
- MATOS, Gomes de. Para onde vai o Brasil? In: *Estudos e Conferências*, n. 17, p. 82, maio 1942.
- MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil, 1930-1945*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.
- MOLNAR, Thomas, *A contra revolução*. Lisboa: Delraux, 1980.
- MORAIS FILHO, Evaristo de. *O socialismo brasileiro*. Brasília: Câmara dos Deputados/ Editora da UB, 1981.
- PAULO, Heloisa Helena de Jesus. O DIP e a Juventude – Ideologia e propaganda estatal (1939-1945). In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 99-113, mar.-ago. 1987.
- SADEK, Maria Teresa. *Machiavel, machiavéis: a tragédia octaviana*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- TORRES, Alberto. *A organização nacional*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.
- VIANNA, Oliveira. *Problemas de política objetiva*. São Paulo: CEN, 1930.
- _____. *O idealismo na Constituição*. São Paulo: CEN, 1939.
- WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. In: *PROJETO HISTÓRIA*, São Paulo, EDUC, n. 35, p. 15-26, dez. 2007.

Fontes:

- ALBUQUERQUE, Epitácio Pessoa C. de. O presidente GV e o Brasil de após 30. In: *Estudos e Conferências*, n. 17, p. 23 e 46, maio. 1942.
- AMARAL, Azevedo. As interpretações do fascismo. In: *Hierarquia*, n. 1, p. 39.
- AZEVEDO, Jorge. Getúlio Vargas através de suas virtudes cívicas. In: *Estudos e Conferências*, n. 17, p. 74, maio 1942.
- CHEVALIER, Ramayana. A ressonância de um instante eterno. In: *Estudos e Conferências*, n. 15, p. 23, 1941.
- ESTUDOS E CONFERÊNCIAS*. Rio de Janeiro: DIP, 1941-1944. Números 09, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18.
- FONTES, Lourival. Eleição e Representação. In: *Hierarchia*, Rio de Janeiro: Schmidt editor, n. 1, p. II, ago. 1931.
- FARIA, Otávio. Parelelo entre a Rússia e o Brasil. In: *Hierarquia*, Rio de Janeiro: Schmidt editor, n. 1, p. 16-20, ago. 1931.
- FIGUEIREDO, José de Lima. A educação física e o Exército. In: *Estudos e Conferências*, p. 22.
- GANNIS, Claudio. Machiavel e o Brasil. In: *Hierarquia*, Rio de Janeiro: Schmidt editor, n. 1, p. V-VIII, ago. 1931.

GRECO, Nunzio. A política internacional da Itália fascista. In: *Hierarquia*, Rio de Janeiro: Schmidt editor, n. 1, p. 230, ago. 1931.

HIERARCHIA. Rio de Janeiro, n. 01-05, ago. 1931 a abr. 1932.

LYRA, João. Raça, educação e desporto. In: *Estudos e Conferências*, n. 14, p. 43, nov. 1941.

MELLO, Eveir C. de. A Getúlio Vargas a mocidade agradecida. In: *Estudos e Conferências*, n. 17, p. 85, maio 1942.

MENEZES, Nely Laranja. Da estrutura da família. In: *Estudos e Conferências*, n. 13, p. 9, set. 1941.

NASCIMENTO, Milton C. do. A juventude brasileira e a situação internacional. In: *Estudos e Conferências*, n. 17, p. 84, maio 1942.

POMPÉIA, Moacyr. Aspectos do sindicalismo brasileiro. In: *Hierarquia*, Rio de Janeiro: Schmidt editor, n. 1, p. 56, ago. 1931.

SALGADO, Plínio. Como eu vi a Itália. In: *Hierarquia*, Rio de Janeiro: Schmidt editor, n. 5, p. 202-205, dez. 1931.

SIQUEIRA, Póvoas de. Resenha de O Gororoba – senas da vida proletária no Brasil. In: *Hierarquia*, Rio de Janeiro: Schmidt editor, n. 3, p. VI-VIII, out. 1931.

VIANNA, Helio. Messianismo empírico. In: *Hierarquia*, Rio de Janeiro: Schmidt editor, n. 1, p. 58, ago. 1931.

Recebido: 08 de setembro de 2015
Aprovado: 10 de novembro de 2015